

uns a aceitaram mais cedo, outros a aceitaram mais tarde; não se apresentou acabada a cada um: uns a desejavam de uma forma, outros a desejavam de outra forma. Assim, o processo da Independência foi longo, tortuoso, cheio de altos e baixos, com avanços e recuos, dependente de muitos fatores. Tudo isso influenciou na imprensa do tempo; e em tudo isso influenciou a imprensa do tempo.

A tendência predominante, quando os acontecimentos desencadearam o processo, isto é, quando do advento da Corte de D. João — seus antecedentes são muito anteriores, podem ser constatados desde o declínio da mineração — gira em torno da rutura do regime de monopólio comercial. O que unia as forças políticas internas — e estas, poderosas embora, tinham fraca organização e poucas possibilidades para expressar as suas tendências — era a luta contra o monopólio. Essa luta unia, também, as forças internas às externas: a contradição em torno do monopólio era a contradição principal. Mas, evidentemente, não era a única. Estava entrelaçada com outras contradições. Inclusive com as contradições de classe. Mas, ainda aqui, o quadro era complexo, pois, enquanto no exterior, nesse plano, a contradição era entre a burguesia ascensional e a classe feudal em declínio, no Brasil a contradição era entre a classe de senhores de terras e de escravos ou de servos e os escravos e servos. Para que, nesse plano, que não era o único — o das contradições de classe — o regime de monopólio ruísse era preciso que, no exterior, a contradição se aprofundasse e, no interior, que se atenuasse; que, no exterior, as forças ligadas ao colonialismo se desunissem, mas que, no interior, as que combatiam o colonialismo se unissem. E está claro que o colonialismo não se resumia no regime de monopólio; sem o rompimento deste, entretanto, a luta contra o colonialismo seria muito mais difícil: o rompimento do monopólio era a etapa necessária da luta contra o colonialismo. A extrema complexidade desse quadro não poderia permitir a visão clara, instantânea e generalizada que, por erro de julgamento, se atribui aos homens do tempo, aos protagonistas da história.

No que se refere à imprensa brasileira, é fácil hoje compreender como a restrição à sua liberdade interessava às forças feudais européias, à metrópole lusa e seu governo; enquanto a sua liberdade interessava à burguesia européia e às forças internas que, aqui, lutavam contra o colonialismo. Mas que forças eram estas últimas? Apresentavam-se unidas e homogêneas nesse particular? Longe disso: como pertenciam a classes diversas, não eram homogêneas nem se apresentavam unidas. Nem quanto ao problema da imprensa, nem quanto aos outros problemas. É na medida em que compreendem a necessidade de mobilizar e de unir as classes para a luta contra